PUBLICADO ORIGINALMENTE EM 1845

A EXPERIÊNCIA CRISTÃ

DE

WILLIAM E. FOY

Juntamente com as duas visões que recebeu nos meses de janeiro e fevereiro de 1842

EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

2026

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Esta edição em língua portuguesa foi preparada a partir da edição original de *The Christian Experience of William E. Foy*, publicada em Portland, Maine, por J. and C. H. Pearson, em 1845.

Tradução, preparação editorial e composição tipográfica

Lucas Sousa Carvalho Martins

lucas.qcgroup@gmail.com

A tradução procura conservar a estrutura, os títulos, as citações, a nota, os testemunhos e as divisões do texto original.

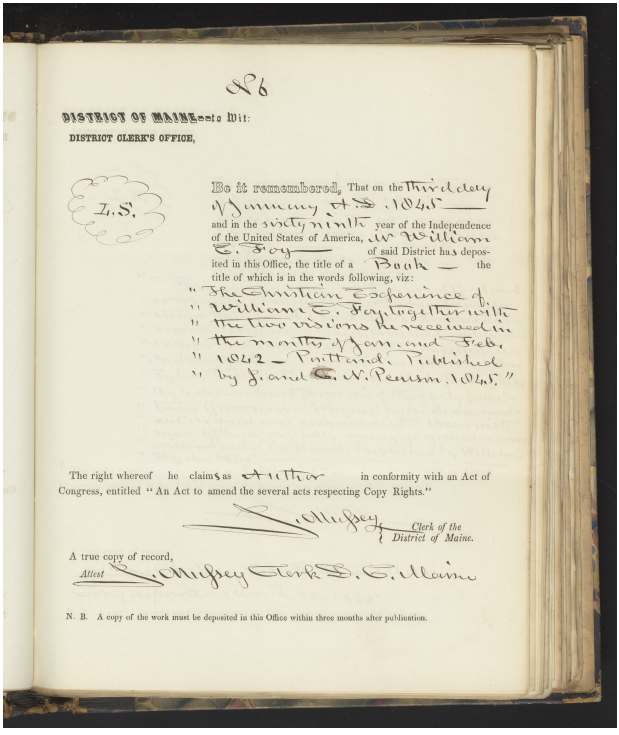
A paginação do corpo principal segue, tanto quanto possível, a da edição original em inglês. Assim, as páginas numeradas de 1 a 24 correspondem às da publicação de 1845.

A nota da p. 19, já presente na publicação de 1845, foi preservada como parte do texto original. Em contraste, a remissão acrescentada nessa página e a nota editorial apresentada depois do corpo original de 24 páginas são intervenções desta edição em língua portuguesa e não integram o texto de Foy nem a publicação de 1845.

As folhas preliminares acrescentadas a esta edição — a capa, a presente seção, as reproduções documentais e seus textos explicativos — não fazem parte da paginação original.

As reproduções documentais provêm da *Early Copyright Records Collection*, preservada pela Rare Book and Special Collections Division da Library of Congress. As referências e os links para os registros digitais encontram-se abaixo de cada reprodução.

Texto original publicado em 1845 e em domínio público.
Tradução e edição em língua portuguesa, 2026.



№ 6

DISTRICT OF MAINE,—to Wit:

DISTRICT CLERK'S OFFICE,

L.S.

Be it remembered, That on the third day of January A. D. 1845 and in the sixty ninth year of the Independence of the United States of America, W. William E. Foy of said District has deposited in this Office, the title of a Book the title of which is in the words following, viz:

"The Christian Experience of William E. Foy together with the two visions he received in the months of Jan. and Feb. 1842 — Portland: Published by J. and C. H. Pearson. 1845."

The right whereof he claims as Author in conformity with an Act of Congress, entitled "An Act to amend the several acts respecting Copy Rights."

J. Mussey Clerk of the District of Maine.

A true copy of record,

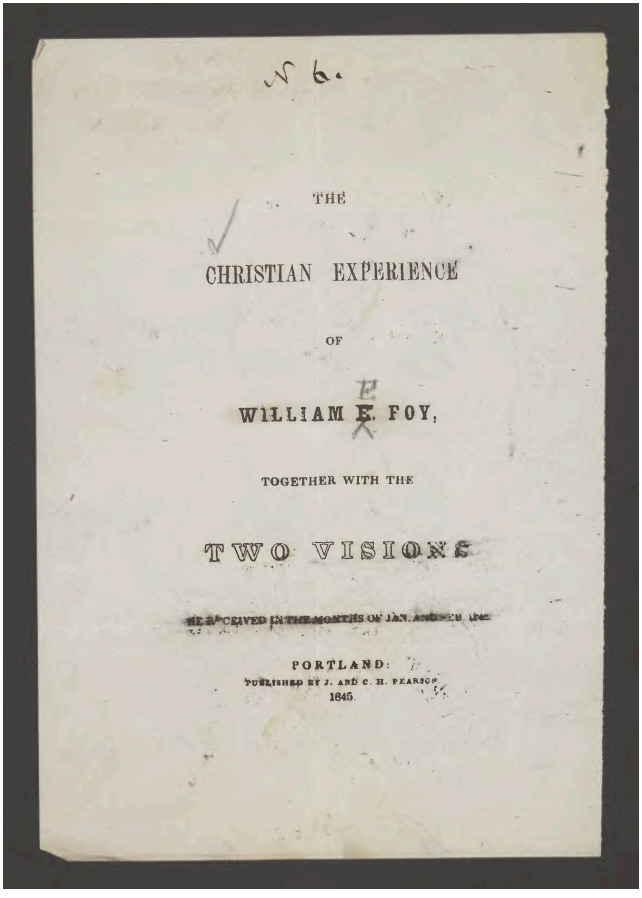
Attest J. Mussey Clerk D. C. Maine

N. B. A copy of the work must be deposited in this Office within three months after publication.

Registro da reivindicação de copyright de *The Christian Experience of William E. Foy*, depositada em nome do autor no Cartório do Distrito do Maine em 3 de janeiro de 1845. A folha integra o volume de registros de copyright do Maine referente aos anos de 1832 a 1852.

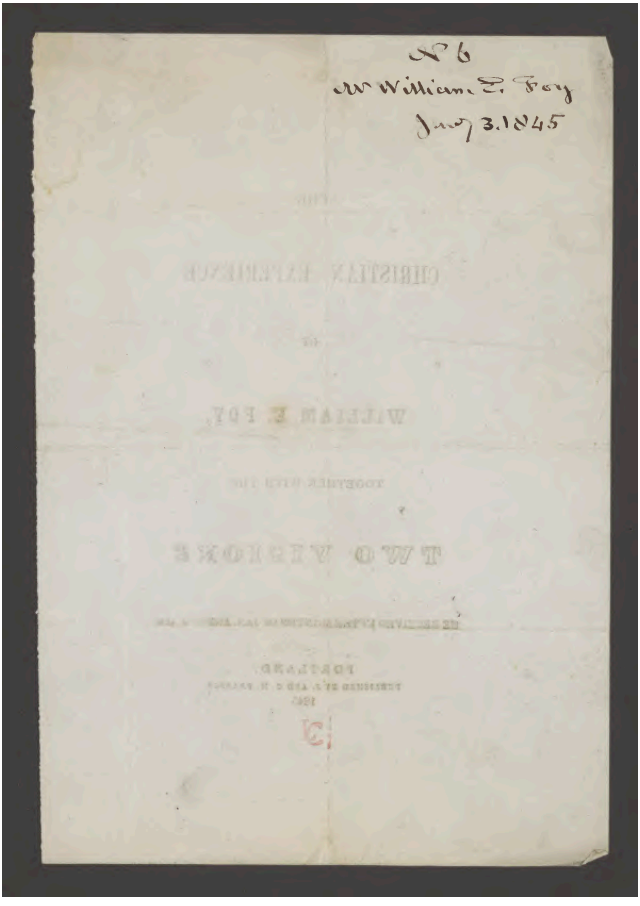
Tradução. Distrito do Maine, a saber — Cartório do Escrivão Distrital. Seja lembrado que, no terceiro dia de janeiro de 1845 A.D., sexagésimo nono ano da Independência dos Estados Unidos da América, o Sr. William E. Foy, deste Distrito, depositou neste Cartório o título de um livro, redigido nos seguintes termos: "*A experiência cristã de William E. Foy, juntamente com as duas visões que recebeu nos meses de janeiro e fevereiro de 1842. Portland: publicada por J. and C. H. Pearson, 1845*". O direito sobre essa obra é reivindicado por ele na qualidade de autor, em conformidade com a lei do Congresso intitulada "Lei para alterar as diversas leis relativas aos direitos autorais". Cópia fiel do registro, certificada pelo Escrivão do Distrito do Maine. Nota: um exemplar da obra deve ser depositado neste Cartório no prazo de três meses após a publicação.

Fonte. EARLY COPYRIGHT RECORDS COLLECTION (Library of Congress). *Copyright ledgers: Maine, 1832–1852.* Washington, D.C.: Library of Congress, Rare Book and Special Collections Division. Disponível em: Library of Congress, item 2021700520. Acesso em: 23 set. 2026.



Folha de rosto de *The Christian Experience of William E. Foy*, apresentada como prova da intenção de publicar e preservada entre as folhas de rosto depositadas para registro de copyright em 1845. Reprodução da página 447 do PDF digital.

Fonte. EARLY COPYRIGHT RECORDS COLLECTION (Library of Congress). *Copyright title pages, 1845*. Washington, D.C.: Library of Congress, Rare Book and Special Collections Division. Disponível em: Library of Congress, item 2019713432. Acesso em: 23 set. 2026.



Verso da folha de rosto precedente, com a anotação manuscrita “Wm. E. Foy, Jan'y 3, 1845”, que identifica o requerente e a data do depósito. Reprodução da página 448 do PDF digital.

Fonte. EARLY COPYRIGHT RECORDS COLLECTION (Library of Congress). *Copyright title pages, 1845*. Washington, D.C.: Library of Congress, Rare Book and Special Collections Division. Disponível em: Library of Congress, item 2019713432. Acesso em: 23 set. 2026.

A

EXPERIÊNCIA CRISTÃ

DE

WILLIAM E. FOY

JUNTAMENTE COM AS

DUAS VISÕES

QUE RECEBEU NOS MESES DE JAN. E FEV. DE 1842

PORTLAND:
PUBLICADA POR J. E C. H. PEARSON.
1845.

Registrado de acordo com a lei do Congresso, no ano de 1845,
por Wm. E. Foy, no Cartório do Tribunal Distrital
do Estado do Maine.

OBSERVAÇÕES.

É frequente ouvir-se, quando uma obra desta natureza é apresentada ao público: "Não creio em sonhos e visões." Muito bem; que tais pessoas fiquem à vontade com a sua própria e criteriosa incredulidade. O objetivo de publicar estas visões não é beneficiar os que rejeitam indiscriminadamente tudo dessa espécie; não alimentamos semelhante expectativa. Mas foi o sincero desejo de confortar e animar os queridos santos de Deus em sua cansativa peregrinação, dando-lhes um vislumbre da bem-aventurança que aguarda os que forem fiéis até o fim, que nos levou a dar este passo. E não temos dúvida de que isto lhes será um rico e revigorante repasto.

Que Deus Se manifesta em visões a Seus filhos é fato abundantemente atestado pelos registros de todas as épocas. E, a esse respeito, a Bíblia é clara e categórica. Aos patriarcas e profetas foram mostrados, por meio de visões, os grandes e poderosos acontecimentos que ainda se achavam num futuro distante. Pergunta-se com frequência, porém, se o método de revelar os acontecimentos e as cenas

do futuro não cessou quando despontou a dispensação do Espírito. Em resposta, perguntaríamos: se foi assim, por que o início da era evangélica foi assinalado de modo tão singular por manifestações dessa natureza? Volvei às cenas do monte Tabor. A nuvem de glória envolvendo o pequeno grupo ali reunido — quão brilhante! quão gloriosa! A aparência do "homem de dores", quando "o Seu rosto resplandeceu como o sol" e Suas vestes se tornaram "brancas como a luz" — quão majestosa! A aparição daquele que foi levado ao Céu num carro de fogo e daquele a quem Deus sepultou; e a voz de Jeová, falando da nuvem: "Este é o Meu Filho amado" — quão esmagadora! Não admira que os discípulos caíssem "de bruços, tomados de grande medo"!

Mas por que nos determos num caso isolado, quando o leitor da Bíblia tem tantos diante de si? Considerai o caso do mártir Estêvão, o de São Paulo, "arrebatado até o terceiro céu", e o de João na ilha de Patmos, e dizei-me se Jeová deixou de revelar-Se em visões.

Deus, em todas as épocas, assim tratou com a Igreja, especialmente em tempos de tribulação. Foi esse um dos meios pelos quais os mártires foram sustentados em sofrimentos sem paralelo. Durante o seu martírio, Perpétua e Felicidade viram uma escada, eriçada de espadas, punhais e instrumentos de tortura, que se estendia da Terra ao Céu e no alto da qual estava Jesus

Cristo, encorajando-as.

Tampouco nos faltam exemplos dessa espécie em nossos dias; exemplos tão claros e impressionantes que receberam pleno crédito de homens tanto da maior erudição como da mais profunda piedade. A extraordinária visão de Wm. Tennent, clérigo presbiteriano, em 1806, que, enquanto conversava em latim com seu irmão, desmaiou e aparentemente morreu, sendo salvo do sepultamento apenas pela insistência de um amigo, é conhecida de muitos; para usar suas próprias palavras: "Ouvi e vi coisas de todo inexprimíveis."

Sobre este assunto, a Bíblia é explícita; e os que verdadeiramente têm fé na Palavra inspirada estão dispostos a deixar que seu testemunho tenha todo o peso. No dia de Pentecostes, quando "todos os discípulos ficaram cheios do Espírito e passaram a falar em outras línguas", a multidão, maravilhada, começou a perguntar: "Que quer isto dizer?" E alguns diziam: "Estes homens estão cheios de vinho novo." Mas Pedro explica a questão, dizendo: "Isto é o que foi dito", etc. Assim, pois, segundo a profecia de Joel, como explicada por São Pedro, os últimos dias seriam assinalados de maneira especial por essas manifestações, a ponto de elas se tornarem precursoras do grande e notável dia de Deus.

As visões de nosso irmão são certamente muito notáveis e, quando por ele relatadas em assembleias públicas, têm sido abençoadas por Deus para

despertar pecadores, reconduzir os desviados e edificar os santos na santíssima fé. São publicadas, tanto quanto possível, em suas próprias palavras. Há uma belíssima semelhança entre as cenas aqui apresentadas e as visões de Ezequiel, Daniel e João. É o caso, por exemplo, da descrição do "anjo alto e poderoso" e do "mar de vidro".

A cena do poderoso anjo com a trombeta de prata pura e o anúncio da grande e terrível voz é sobremodo interessante e instrutiva.

Que os poucos, humildes e desprezados, que aguardam pacientemente o aparecimento de seu glorioso Rei, sejam refrigerados e confortados nesta hora de provação, ao lerem estas duas visões, é a fervorosa oração dos Editores.

EXPERIÊNCIA CRISTÃ E VISÕES DE WILLIAM E. FOY.

No ano de 1835, sob a pregação do pastor Silas Curtis, fui levado a perguntar o que deveria fazer para ser salvo.

Os cristãos encaminharam-me ao Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo. Comecei então a orar fervorosamente a Deus para que perdoasse os meus pecados; mas, quanto mais eu orava, mais contemplava a pecaminosidade de meu coração; e por muitos dias temi que não houvesse misericórdia para mim. Fui, porém, levado a ver que teria sido justo da parte de Deus cortar-me da vida e enviar-me para onde nem a esperança nem a misericórdia poderiam alcançar-me. Dispus-me então a entregar tudo; e, naquele momento, Cristo apareceu como Aquele que é inteiramente amável e o mais distinguido entre dez mil, e pronunciou à minha alma a palavra que dá vida. Regozijei-me, então, no Deus de minha salvação, enquanto todas as coisas ao meu redor pareciam novas, resplandecendo com a glória de Deus. Meu

coração pôde então unir-se ao cântico dos anjos: “Glória a Deus nas alturas, paz na Terra e boa vontade para com os homens.” Vi então tamanha plenitude em Cristo que desejei proclamá-la ao mundo inteiro. Oh, a glória de Deus que me encheu a alma!

Passaram-se três meses, nos quais desfrutei doce comunhão com meu Deus. Fui então lançado numa provação por aqueles que deveriam ter sido pais protetores em Israel, e assim permaneci muitos dias, lutando em oração; mas o Senhor sabe livrar da tentação os piedosos. Um pai em Israel, a quem visitei nessa ocasião, deu-me instruções que se provaram uma bênção para minha alma. Entrei então para a Escola Dominical e ali fui ensinado, pela primeira vez, a ler a Palavra de Deus; em pouco tempo, tornei-me capaz de ler minha pequena Bíblia. Imediatamente se imprimiu em mim o dever do batismo; e, depois de três meses de desobediência, apresentei-me perante a igreja, relatei o trato de Deus com minha alma e, no dia seguinte, fui conduzido às águas correntes pelo irmão S. Curtis e sepultado com meu Salvador no batismo. Experimentei então o cumprimento da promessa: “Os que esperam no Senhor renovarão as suas forças; subirão com asas como águias, correrão e não se cansarão, caminharão e não desfalecerão.” E, ao sair da água, pareceu-me que os céus abertos ao meu redor resplandeciam; e clamei em alta voz: “Glória a Deus e ao

Cordeiro que está assentado no trono!”

Em 18 de janeiro de 1842, reuni-me com o povo de Deus na rua Southark, em Boston, onde os cristãos estavam empenhados em solene oração, e minha alma se alegrou no amor de Deus. Fui imediatamente tomado como que pelas agonias da morte, e minha respiração cessou; parecia-me que eu era um espírito separado deste corpo. Vi então alguém trajado de vestes brancas, cujo semblante brilhava mais do que as estrelas; havia sobre sua cabeça uma coroa que resplandecia mais do que o sol.

Esse ser resplandecente tomou-me pela mão direita e conduziu-me à margem de um rio; no meio dele havia um monte de água pura. Na margem, contemplei uma multidão de grandes e pequenos; eram os habitantes vivos da Terra. Logo todos se moveram em direção ao oeste, caminhando sobre a água, até chegarmos ao monte. Este se tornou a linha de separação entre os justos e os ímpios. Os justos o atravessaram e passaram por três mudanças: primeiro, seus corpos se tornaram gloriosos; segundo, receberam vestes puras e resplandecentes; terceiro, foram-lhes dadas coroas brilhantes.

Mas, quando os ímpios chegaram ao lugar em que os justos foram transformados, clamaram por misericórdia e afundaram sob o monte. Os santos prosseguiram então para uma planície sem fim, que tinha a aparência de prata pura. Nosso guia falou, então, e disse: “Esta é a planície do Paraíso.”

Essa hoste celestial foi então dividida em grupos, alguns muitíssimo numerosos, outros pequenos. No meio de cada grupo havia um anjo. As vestes desses anjos eram puras e brancas, e a cada um deles foi dada uma coroa que resplandecia com grande brilho. Seus semblantes eram belíssimos de contemplar; suas asas eram semelhantes a fogo flamejante, sob as quais estavam os santos, pequenos e grandes. Disse então o guia: "Estes anjos são os que pregaram o evangelho na Terra."

Vi depois, diante de mim, como que um grande portal. Era tão alto que eu não conseguia ver onde terminava. Diante dele estava um anjo alto e poderoso, trajado de vestes puras e brancas; seus olhos eram como fogo flamejante, e trazia na cabeça uma coroa que iluminava essa planície sem fim. O anjo ergueu a mão direita, segurou o portal e o abriu; e, quando ele girou sobre seus brilhantes gonzos, o anjo clamou em alta voz à hoste celestial: "Todos sois bem-vindos!" Então os anjos da guarda, que estavam no meio dos santos, entoaram um cântico de triunfo; e os santos, pequenos e grandes, cantaram em alta voz e entraram pelo portal. Os anjos da guarda elevaram-se sobre suas asas cintilantes e desapareceram de minha vista.

O interior do portal parecia feito de diamantes cintilantes. Debaixo de nossos pés havia algo com a aparência de vidro puro. Vi então incontáveis milhões de seres resplandecentes que vinham com cartões nas

mãos. Esses seres resplandecentes tornaram-se nossos guias. Os cartões que traziam brilhavam mais do que o sol, e eles os colocaram em nossas mãos; mas não pude ler os nomes que neles estavam. Esses guias tomaram-nos pela mão direita e conduziram-nos a um lugar sem limites. Ergui então os olhos e olhei para o alto: não se viam nuvens nem céus, mas ali estavam incontáveis milhões de anjos brilhantes, cujas asas eram semelhantes a ouro puro; eles cantavam em alta voz, enquanto suas asas clamavam: "Santo! Santo!"

Vi então uma multidão inumerável, trajada de vestes brancas, com cartões sobre o peito; e a cada um foi dada uma coroa de resplendor. Disse o guia: "Estes são os que passaram pela morte."

Diante de mim, em espírito, estava disposta uma multidão inumerável que não havia passado pela morte; suas coroas eram como o brilho das estrelas, e na mão direita traziam cartões. Vi então uma pessoa que havia passado pela morte. Seu resplendor estava além de toda expressão humana, e à sua direita estava um anjo da guarda; as vestes do anjo eram semelhantes a ouro puro e suas asas a fogo flamejante. Ao passar por mim, ela exclamou com voz amável: "Vou ao portal encontrar meus amigos." Um anjo apareceu então, voando pelo meio desse lugar sem limites, e veio até o espírito de uma das pessoas que não haviam passado pela morte, clamando em alta voz: "Esta é minha mãe." Ele se tornou então o guia dela. Vi depois, no

meio desse lugar sem limites, uma alta montanha semelhante a prata pura. Parecia perfeitamente redonda e, embora eu não conseguisse enxergar através dela, minha visão alcançava todo o seu contorno. Ao redor dessa montanha havia um espaço em que não se encontrava ser algum. Depois desse círculo vazio, porém, estava, ao que parecia, um coro de anjos; e, até onde minha vista alcançava por todo aquele lugar sem limites, estavam os incontáveis milhões de justos.

Oh! Nenhum mortal pode descrever o cântico. Pareceu-me que os anjos mais próximos do círculo em torno da montanha entoaram em alta voz um belo cântico e então cessaram. Os santos mais próximos deles retomaram a melodia e, com vozes ainda mais fortes, repetiram-na; e assim ela ecoou e tornou a ecoar até ser cantada por todos os santos, quando então cessou. Depois, os anjos tornaram a cantar.

À direita da montanha apareceu um poderoso anjo, com vestes semelhantes a ouro polido; suas pernas eram como colunas de fogo flamejante, seu semblante como o relâmpago, e sua coroa iluminava esse lugar sem limites. Os que não haviam passado pela morte não conseguiam olhar para seu semblante. Vi então, no flanco desse monte, letras semelhantes a ouro puro, que diziam: “O PAI E

O FILHO." Diretamente abaixo dessas letras estava o poderoso anjo cuja coroa iluminava o lugar; e toda a hoste celestial adorava a seus pés, ao redor da montanha. Esse poderoso anjo ergueu então a mão direita, que parecia uma espada flamejante, e toda a multidão dos que não haviam passado pela morte foi arrebatada ao cume da montanha. Ali se abriu um grande livro, e seus nomes saíram do livro em forma de cartões, que foram estampados em suas testas.

Encontramo-nos novamente sobre esse puro mar de vidro, diante da montanha; e nossos corpos haviam se tornado semelhantes a vidro transparente. Eu, porém, não podia contemplar o Ser que estava dentro da montanha. Enquanto fitava as glórias diante de mim, uma grande voz falou dentro da montanha; o lugar foi poderosamente abalado, e as incontáveis multidões de santos e anjos prostraram-se aos pés do poderoso anjo e O adoraram, clamando em alta voz: "Aleluia!" Toda voz então se calou, e a hoste celestial permaneceu prostrada diante do anjo, em solene silêncio; nada se ouvia, salvo o tremor do lugar, causado pela voz Daquele que falara no monte.

Vi então este mundo inferior envolto, por assim dizer, em montanhas revoltas de chamas; e nesse fogo vi uma multidão incontável clamando por misericórdia. Pareciam ser os idosos e aqueles que haviam chegado à idade do entendimento. Seus clamores subiram até a montanha, enquanto toda a hoste celestial permanecia prostrada em solene quietude. A voz vinda da montanha falou

novamente; e todos os santos e anjos se levantaram e clamaram em alta voz: "AMÉM."

Comecei então a conversar com meu guia e perguntei por que não havia misericórdia para aqueles que eu vira em aflição. Ele respondeu: "O evangelho lhes foi pregado, e os servos os advertiram, mas eles não quiseram crer; e, quando vier o grande dia da ira de Deus, não haverá misericórdia para eles."

Vi então, no meio desse lugar sem limites, uma árvore cujo tronco era semelhante a vidro transparente, e cujos ramos eram semelhantes a ouro transparente, estendendo-se por todo aquele lugar sem limites. Em cada ramo da árvore havia pequenos anjos em pé. Eram uma multidão inumerável e cantavam em alta voz; canto semelhante não se ouviu deste lado do Céu. A árvore estava também revestida da luz que procedia do poderoso anjo.

Debaixo dessa árvore, em pé sobre o mar de vidro, estavam os incontáveis milhões de justos, trajados de vestes brancas, com coroas na cabeça e cartões sobre o peito. Na multidão vi alguns que eu conhecera quando viviam na Terra; todos cantavam em alta voz e, erguendo as mãos cintilantes, colhiam frutos

da árvore. Os frutos pareciam cachos de uvas em figuras de ouro puro. Com voz amável, o guia falou-me então: "Os que comem do fruto desta árvore não retornam mais à Terra." Ergui a mão para participar do fruto celestial, a fim de nunca mais voltar à Terra; mas, ai de mim! Imediatamente encontrei-me outra vez neste solitário vale de lágrimas.

O dever de declarar a meus semelhantes as coisas que assim me haviam sido mostradas e de adverti-los a fugir da ira vindoura pesou grandemente sobre minha mente; mas fui desobediente, tomando como desculpa o fato de meu guia não me haver ordenado fazê-lo, e por isso trouxe trevas e morte sobre minha alma. Não pude encontrar paz nem conforto. Comecei a duvidar de que minha alma houvesse sido realmente convertida; e, embora muitas vezes me reunisse com o povo de Deus, não obtinha alívio, mas sentia-me angustiado e solitário. Não conseguia acesso a Deus em oração.

Por fim, para escapar da cruz de ir e declará-lo pessoalmente ao mundo, decidi mandar imprimi-lo. Contudo, nem nisso encontrei alívio. Além disso, depois de mandar imprimir um relato, vi que era apenas um esboço muito imperfeito; na verdade, eu não fora capaz de narrá-lo adequadamente para esse fim. Mas o Senhor, em Sua misericórdia, conservou-me com vida para contemplar a noite de 4 de fevereiro de 1842, quando me reuni com o povo de Deus na rua May. Uma grande congregação estava reunida, e

os cristãos estavam empenhados em exortação e oração. Eu, porém, não desfrutava nenhuma percepção da presença de Deus.

Na última parte da noite, estando a casa muito cheia, cedi meu assento a um amigo que permanecera em pé durante a reunião. Enquanto eu estava assim de pé, comecei a refletir sobre minha desobediência; e, ocupado com esses pensamentos, ouvi de súbito uma voz, como se fosse no espírito, falando comigo. Imediatamente caí ao chão e nada soube acerca deste corpo até que se passaram doze horas e meia, conforme depois me informaram.

Parecia-me que eu era um espírito separado deste corpo, em pé e sozinho sobre a Terra. Nenhum outro ser parecia estar comigo. A Terra tinha a aparência de um lugar perfeitamente plano. O sol resplandecia em seu esplendor, como naturalmente faz ao meio-dia. Vi então uma nuvem elevar-se suavemente do oeste; ela subiu e cobriu o sol, de modo que este escureceu, e todos os céus se tornaram como pano de saco. Então algo além da capacidade de expressão do homem mortal irrompeu dos céus, do sul até o norte. Era semelhante a uma barra de fogo flamejante; imediatamente depois apareceu algo que me é impossível descrever. Vi então multidões inumeráveis que vinham dos quatro cantos da Terra e se reuniam diante dessa barra; ali permaneceram em solene silêncio, enquanto a palidez

tomava todos os semblantes. Imediatamente foram arrebatadas até essa barra, e os corpos dos santos foram transformados, tornando-se semelhantes a ouro transparente; foram vestidos de luz e de vestes resplandecentes, colocaram-se sobre suas cabeças coroas de brilho e, cantando suavemente, atravessaram a barra de fogo. Os ímpios, porém, não puderam atravessá-la. O mundo abaixo parecia envolto em trevas e fogo; nele os ímpios afundaram, desaparecendo de minha vista enquanto clamavam por misericórdia.

Vi mães, com seus bebês nos braços, aproximarem-se da barra flamejante. Os corpos dos bebês tornaram-se semelhantes a ouro transparente e, sobre asas de fogo flamejante, atravessaram a barra, cantando com vozes amáveis; as mães profanas, clamando por misericórdia, afundaram lá embaixo.

Vi então uma multidão inumerável subir das águas e outra multidão inumerável sair da terra. Trajadas de vestes brancas, com cartões sobre o peito e cantando em alta voz, atravessaram a barra e receberam sobre a cabeça coroas de glória.

Vi depois uma multidão sair da terra; reconheci alguns cujos nomes estavam inscritos nos livros das igrejas na Terra, alguns dos quais eu vira comungando com os santos de diferentes denominações, e alguns que haviam professado ser

pregadores do evangelho. Embora fizessem elevada profissão de fé, não foram achados dignos; clamaram por misericórdia e afundaram com os que haviam blasfemado.

Depois de atravessarmos a barra, entramos num lugar sem limites, iluminado por grande resplendor. Perto do lugar por onde passamos, vi um poderoso anjo vestido de puras vestes brancas, com uma coroa de brilho na cabeça. Parecia olhar através da barra, e seus olhos, como lâmpadas de fogo, estavam fixos com firmeza na Terra. Estava com o pé direito adiante, como quem caminha; seu propósito parecia ser alcançar a Terra. Faltavam-lhe, porém, três passos.

Contra o peito e atravessada sobre a mão esquerda, ele trazia como que uma trombeta de prata pura; e do meio daquele lugar sem limites veio uma grande e terrível voz, dizendo: "O sexto anjo ainda não acabou de tocar." Atrás do anjo, vi incontáveis milhões de carros brilhantes. Tinham a aparência de ouro puro e eram perfeitamente quadrados. Cada carro possuía quatro asas semelhantes a fogo flamejante. Enquanto eu olhava, um dos carros elevou-se sobre suas asas de fogo, e um anjo o seguiu. As asas do carro e as asas do anjo clamavam como que a uma só voz, dizendo: "Santo! Santo!" Observei o carro, escutando o som amável das asas. Ele passou em direção à Terra; e apareceu um espírito,

trajado de vestes brancas, como que em pé sobre uma montanha. Foi-lhe dada uma coroa de brilho; ele entrou no carro com o anjo e, num instante, achava-se naquele lugar sem limites. Embora brilhasse com grande resplendor, reconheci essa pessoa: era aquela mencionada pela testemunha* que dissera: "Vejo o carro chegando!" Ele deixou esta vida exatamente duas semanas depois de eu o haver visto em visão.

[Ver comentário editorial sobre esta passagem ao final desta edição.]

Vi então, no meio daquele lugar, uma multidão inumerável, trajada de vestes brancas, disposta num quadrado perfeito e trazendo sobre a cabeça coroas de glória imarcescível. Eram do tamanho de crianças de dez anos e cantavam um cântico que os santos e os anjos não podiam cantar.

No meio daquele lugar sem limites havia um rio de água pura. De ambos os lados do rio estavam incontáveis milhões de anjos, com coroas de brilho na cabeça; tinham nas mãos taças semelhantes a ouro puro e se inclinavam para participar da água do rio, cantando com vozes fortes e amáveis e adorando Aquele cuja coroa iluminava aquele lugar sem limites.

Então veio até mim alguém vestido de branco, a quem chamo meu guia; ele me conduziu a um lugar

*Mary Black, esposa do falecido pastor George Black (a pessoa vista na visão), testifica: "Estas são as palavras que ele pronunciou ao morrer: 'Vejo os carros chegando para levar meu espírito ao lar.' Então deixou o mundo com um brado."

semelhante a uma porta estreita. A primeira coisa que contemplei foi um poderoso anjo à direita, com um grande livro aberto diante dele; também à esquerda havia outro, com um livro aberto diante de si. Meu guia falou-me então, dizendo: "Os que se arrependem de seus pecados na Terra são apagados do livro da esquerda e registrados no da direita." Vi então anjos subindo da Terra e descendo a ela; levavam notícias aos anjos registradores.

Meu guia informou-me então o que eu devia fazer, dizendo: "Teu espírito deve voltar àquele mundo, e deves revelar as coisas que viste e também advertir teus semelhantes a fugir da ira vindoura." Respondi-lhe: "Como posso retornar àquele mundo?" Ele me respondeu: "Irei contigo e te sustentarei e ajudarei a declarar estas coisas ao mundo." Então respondi ao anjo: "Eu irei."

Vi então este mundo inferior. Parecia que o véu que o separava do lugar sem limites em que eu me encontrava havia sido removido, e ambos se tinham tornado um só. Santos e anjos passavam continuamente da Terra para o Céu e do Céu para a Terra. A Terra parecia um mar calmo de ouro transparente; acima não se via nuvem nem céu, mas o ar era perfeitamente puro e tinha um brilho prateado. Ouvi então todos os santos e anjos, no Céu e na

Terra, cantando em alta voz. Meu guia abriu então as asas e trouxe suavemente meu espírito à Terra; depois alçou voo e partiu. Imediatamente encontrei-me de novo no corpo.

Apesar da ordem de meu guia e de minha solene promessa de declarar estas coisas ao mundo, a princípio relutei muitíssimo em fazê-lo; e passaram-se três dias antes que eu as revelasse publicamente.

A mensagem era tão diferente — e a maneira como a ordem fora dada, tão distinta de tudo quanto eu já ouvira — que, conhecendo o preconceito do povo contra aqueles de minha cor, isso se tornou para mim uma cruz muito pesada.

Estas perguntas surgiam continuamente: Por que estas coisas me seriam dadas para que eu as levasse ao mundo, e não aos instruídos ou a alguém de condição diferente da minha? Mas eu não conseguia obter paz na desobediência. "Ai de mim se não declarar estas coisas" pesava intensamente sobre minha alma.

No dia 6 de fevereiro, o pastor da igreja da rua Broomfield veio visitar-me e pediu-me que relatasse minhas visões em sua casa de culto. Vários membros daquela igreja estavam presentes e desejavam muito que eu atendesse ao pedido. Consenti, e a reunião foi marcada para a tarde seguinte. Depois que partiram, lamentei que tal passo houvesse sido dado e pensei que, se o mundo fosse meu, eu o daria de bom grado para que o compromisso fosse cancelado.

Na manhã do dia 7, contudo, minha mente estava calma e em paz; mas, à medida que se aproximava a hora da reunião, as tentações começaram a afligir-me intensamente. Temi que meu guia não estivesse comigo e que eu fosse incapaz de contar ao povo as coisas que me haviam sido mostradas. Um grupo de irmãos, que se compadecia de mim, acompanhou-me à reunião.

Ao entrar na casa, encontrei reunida uma grande congregação, e cada pessoa me parecia uma montanha. Tamanho era o temor do homem que pesava sobre mim que pedi ao pastor que iniciasse a reunião com oração, dizendo-lhe que eu achava que seriam obrigados a realizar uma reunião de oração. Enquanto ele se dirigia ao trono da graça, porém, pareceu-me ouvir uma voz falando comigo e dizendo: "Estou contigo; e prometi estar contigo!" Meu coração começou então a arder dentro de mim; o temor do homem desapareceu de súbito, e uma glória inexprimível encheu minha alma. Relatei então, com grande liberdade, as coisas que me haviam sido mostradas, enquanto a congregação permanecia sentada em perfeito silêncio.

A partir dessa ocasião, viajei durante três meses, transmitindo minha mensagem a auditórios lotados e desfrutando contínua paz de espírito. Depois disso, porém, comecei a temer que minha família viesse a passar necessidade; por isso fui trabalhar com minhas próprias mãos e assim continuei por três meses. Não pude, porém, encontrar descanso, nem de dia nem de noite, até consentir novamente em

cumprir meu dever. Desde então, tenho viajado de um lugar a outro e sofrido alguma perseguição, mas a promessa de meu guia nunca falhou. Sua presença sustentadora tem estado comigo.

Meu objetivo ao publicar estas visões é confortar os santos. Elas têm sido para mim uma grande consolação em tempos de tentação e prova.

Muitas vezes, nas silenciosas horas da noite, pareceu-me ouvir novamente o doce cântico dos anjos; e, sempre que meu coração se sentiu triste e solitário, as coisas que o anjo me mostrou elevaram-me acima das penosas cenas da Terra.

Meu desejo é que os filhos de Deus sejam abençoados da mesma maneira. Aguardo agora a vinda de meu Senhor. Embora antes de o Senhor Se agradar em mostrar-me estas coisas celestiais eu me opusesse à doutrina da próxima vinda de Jesus, agora espero por esse acontecimento. Espero ver em breve o anjo alto e poderoso. "Então me satisfarei, quando acordar à Sua semelhança."

Vós, santos de Deus, levantai a cabeça, pois em breve serão vossas as glórias de uma Terra renovada.

"Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou no coração do homem o que Deus preparou para os que O amam." "Mas Deus no-lo revelou pelo Seu Espírito; porque o Espírito perscruta todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus."

TESTEMUNHOS.

Nós, abaixo assinados, habitantes de Boston, testemunhamos a condição aparentemente inanimada em que nosso irmão, Wm. Ellis Foy, foi lançado por alguma causa desconhecida, em 18 de janeiro de 1842, quando permaneceu nesse estado por duas horas e meia; e novamente em 4 de fevereiro, quando permaneceu assim por doze horas e meia. Em ambas as ocasiões, ele testifica que teve extraordinárias visões de outro mundo.

Charles Tash.	Francis Sanders.
George Williams.	John Thomas.
David Williams.	Andrew Lewis.
Edward Williams.	George Harris.

O Dr. Henry Cummings testifica: "Eu estava presente com nosso irmão no momento de suas visões. Examinei-o, mas não pude encontrar nenhum sinal de vida, exceto na região do coração."

Ann Foy testifica: "O primeiro sinal de vida que vi nele foi erguer a mão direita. Depois, pôs-se de joelhos e fez sinais pedindo água, que lhe foi dada. Mergulhou a mão nela e molhou a testa; imediatamente recuperou a fala. Desejamos então que nos contasse as coisas que havia visto, e ele respondeu: 'Assim que recuperar as forças, revelarei a vocês aquilo que o Senhor me revelou.'"

Cópia do certificado de membresia da igreja.

Certifica-se que o irmão Wm. E. Foy é membro regular, em plena comunhão, da Primeira Igreja Batista do Livre-Arbítrio, em Augusta. Como tal, recomendamo-lo à comunhão do povo de Deus, de qualquer denominação, onde quer que ele venha a encontrá-los.

DANIEL PALMER,
Secretário da igreja.

NOTA EDITORIAL
DA EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Nas páginas 18, 19, ocorre esta declaração:

> Observei o carro, escutando o som amável das asas. Ele passou em direção à Terra; e apareceu um espírito, trajado de vestes brancas, como que em pé sobre uma montanha. Foi-lhe dada uma coroa de brilho; ele entrou no carro com o anjo e, num instante, achava-se naquele lugar sem limites. Embora brilhasse com grande resplendor, reconheci essa pessoa: era aquela mencionada pela testemunha* que dissera: "Vejo o carro chegando!" Ele deixou esta vida exatamente duas semanas depois de eu o haver visto em visão.

Embora esse trecho da visão possa sugerir a sobrevivência consciente do espírito imediatamente após a morte, essa não é uma conclusão inevitável. Quando a sequência narrativa e outros elementos do relato são levados em consideração, é mais coerente interpretar a declaração no contexto da segunda vinda de Cristo.

Convém distinguir entre aquilo que a visão efetivamente apresenta e a conclusão teológica que o próprio Foy e outros possivelmente extraíram da cena. Foy reconhece explicitamente George Black na figura vestida de branco, coroada e conduzida em um carro para o lugar de glória. A visão, contudo, não declara que a cena descreva a existência consciente de Black entre a morte e a ressurreição, nem oferece nenhuma explicação sobre o estado intermediário dos mortos.

A posição do episódio no conjunto da visão é relevante para essa análise. A cena aparece depois de uma representação da ressurreição e insere-se no conjunto de acontecimentos relacionados à consumação dos tempos, no qual se apresentam o juízo, a transformação dos justos, a recompensa dos salvos e o destino dos perdidos.

As cenas de salvos desfrutando a glória e de perdidos suplicando por misericórdia não precisam ser entendidas como descrições do estado intermediário dos mortos; podem representar a realidade definitiva que se seguirá à ressurreição e ao juízo. Essa contraposição encontra paralelo em Isaías 66:22–24, onde a nova criação, a adoração dos salvos e o castigo dos rebeldes são reunidos em um mesmo quadro. É o que também se observa em Lucas 13:28–29, onde os excluídos veem os patriarcas no reino de Deus enquanto eles próprios são lançados fora.

Na linguagem profético-apocalíptica, acontecimentos futuros e separados no tempo podem ser apresentados de forma integrada, não para estabelecer uma cronologia rigorosa ou descrever todas as etapas intermediárias, mas para ressaltar a certeza da retribuição divina e o desfecho da história da salvação. Nesse contexto, a entrada de Black no lugar de glória também pode ser compreendida como uma representação de seu destino após a ressurreição.

Essa leitura não pretende atribuir a Foy uma formulação teológica que talvez ele não possuísse. O livreto não oferece evidência de que ele tivesse uma compreensão definida da imortalidade condicional da alma ou do estado inconsciente dos mortos. É plausível, portanto, que tenha interpretado e expressado o que contemplou por meio das categorias religiosas disponíveis em seu ambiente. Foy pertencia aos batistas do Livre-Arbítrio (Free Will Baptists), e o testemunho de Mary Black, reproduzido por ele no relato da visão, emprega linguagem de teor imortalista compatível com esse contexto confessional. Esse testemunho, especialmente ao falar de um carro vindo buscar o espírito de seu marido para levá-lo ao lar, ajuda a compreender como Foy e Mary Black interpretaram o episódio, mas não determina necessariamente o significado da representação visionária.

A visão em si não exige a doutrina da imortalidade natural da alma. O interesse predominante do relato não está em descrever a condição dos mortos entre a morte e a ressurreição, mas em afirmar a solenidade e a inevitabilidade do juízo, bem como seu caráter definitivo. À luz da posição do episódio no relato, do horizonte escatológico em que ele se insere e da apresentação integrada dos acontecimentos, a cena permanece compatível com a imortalidade condicional, segundo a qual a vida imortal é concedida por Deus aos salvos na ressurreição, enquanto os mortos permanecem em descanso até a volta de Cristo